

**MEMÓRIAS DE BELÉM EM TESTEMUNHO DO ESCRITOR
BENEDICTO MONTEIRO¹⁸**

José Denis de Oliveira Bezerra (UFPA)
Josebel Akel Fares (UEPA)
Venize Nazaré Ramos Rodrigues (UEPA)
Wellington Valente dos Reis (IFPA)

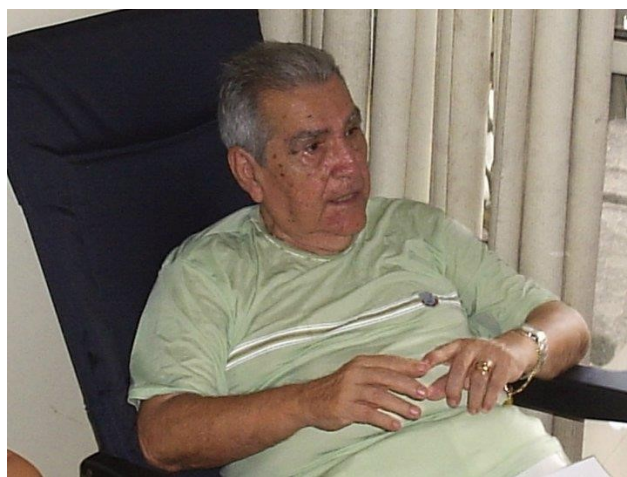
Esta entrevista é resultado de parte da pesquisa *Memórias de Belém em Testemunho de Artistas* (2005-2006), coordenada e executada por professores e discentes do Grupo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA), registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil 5/CNPq, ligado ao Centro de Ciências Sociais e Educação, da Universidade do Estado do Pará. O projeto teve como proposta contribuir para a recuperação da memória sociocultural de Belém/PA e processou a urdidura de uma cartografia de Belém, de meados do século XX (1940-1960), por meio da voz das lembranças de idosos com mais de 65 anos. Como pesquisa qualitativa, utilizou-se da metodologia da História Oral. O trabalho desenvolveu-se em três partes. A primeira etapa constituiu-se do projeto *Memória de Belém em histórias de velhos* (2004), os intérpretes foram moradores do Asilo Pão de Santo Antônio¹⁹ e se registrou a cidade no aspecto sociocultural, de forma geral, como bairro, moradia, equipamentos urbanos, transporte, saúde, escolaridade, divertimento, moda, política. A segunda etapa, *Memória de Belém em Testemunho de Artistas* (2005-2006), por meio de vozes de artistas das diferentes expressões estéticas, a Belém desenhou-se, especialmente, pelas narrativas vindas do mundo das artes, os aspectos artísticos da cidade: espaço, formação e circulação. Na

¹⁸ O material que apresentamos é resultado de uma entrevista realizada com o escritor Benedicto Monteiro, em dois momentos: 28/09/2005 e 21/10/2005. Foi conduzida pelas pesquisadoras Josebel Akel Fares e Venize Nazaré Ramos Rodrigues, juntamente com José Denis de Oliveira Bezerra e Wellington Valente dos Reis, na época estudantes do curso de Letras e bolsistas de iniciação científica, hoje professores pesquisadores. A transcrição foi realizada por José Denis de Oliveira Bezerra. A edição apresentada, com notas e atualização de informações, foi produzida por Josebel Akel Fares e José Denis de Oliveira Bezerra.

¹⁹ Fundado em 1970, oficialmente chama-se Associação da Pia União do Pão de Santo Antônio e localiza-se na AV. José Bonifácio N° 1758, bairro do Guamá, Belém/PA.

terceira parte, *Memória de Mestre: Belém Antiga em Narrativas de Professores da Educação Básica* (2007-2009), prosseguiu-se a urdidura do município por meio da voz de educadores de diferentes graus de ensino, e assim reconstruir as dimensões da educação e da história social, com traços expressos nos relatos sobre escolas, professores, métodos de ensino, bem como movimentos educacionais para além do instituído.

A pesquisa *Memória de Belém em Testemunho de Artistas* processou a urdidura de uma cartografia de Belém, de meados do século XX (1940-1960), especialmente desenhada pela voz da memória de artistas plásticos, atores, músicos, escritores e outros mestres da arte, que viveram neste tempo – espaço da capital do Estado do Pará. As lembranças evocadas nas narrativas relatam sobre literatura, teatro, música, cinema, casas de espetáculos, livrarias e demais signos artísticos, bem como o movimento artístico-cultural, depõem sobre o marco histórico do projeto, que é a chegada da televisão à Belém, além de (re)construírem dimensões da vida sociocultural da cidade, e possibilitarem a composição da trama de uma história coletiva. Foram entrevistados onze (11) artistas, entre os quais o escritor Benedicto Monteiro, que nos recebeu em seu apartamento na Travessa Castelo Branco, para duas sessões, uma vez que não foi possível finalizar o roteiro em apenas uma entrevista.



Figuras 1 e 2 – Benedicto Monteiro no momento de seu relato, em seu apartamento.
Fotografia de Denis Bezerra (2005).

Fonte: Acervo de Pesquisa do Grupo de Pesquisa CUMA.



Figura 3 – Josebel Akel Fares e Benedicto Monteiro no momento da entrevista.
Fotografia de Denis Bezerra (2005).

Fonte: Acervo de Pesquisa do Grupo de Pesquisa CUMA.



Figura 4 – Benedicto Monteiro e Wellingson Valente dos Reis. Fotografia de Denis Bezerra (2005).

Fonte: Acervo de Pesquisa do Grupo de Pesquisa CUMA.



Figura 5 – Registro no momento final da entrevista. Da esquerda para direita: José Denis de Oliveira Bezerra, Benedicto Monteiro, Josebel Akel Fares, Wellingson Valente dos Reis. Fotografia de Venize Rodrigues Ramos (2005).

Fonte: Acervo de Pesquisa do Grupo de Pesquisa CUMA.

O ARTISTA

Nome: Benedicto Wilfred Monteiro

Data de Nascimento: 01/03/1924

Data de Falecimento: 15/06/2008

Local de Nascimento: Alenquer/PA

Pais: Ludgero Burlamaqui Monteiro e Heribertina Batista Monteiro

EDUCAÇÃO, ESCOLAS

Quando o senhor veio para Belém?

Eu vim na década de 50, em 1950. Aliás foi na década de 40, né? Porque eu me formei em 1942, no curso de humanidades no Colégio Nazaré. Eu fui interno, passei cinco anos interno no colégio, que só era homem, não havia mulher, era só homem. Então, eu me formei. Vim para Belém, só para estudar, exclusivamente para estudar.

E os teus pais vieram para Belém?

Não, eles só vieram depois de velhos, que eu trouxe, eu é que trouxe eles.

Como era o internato?

Era um convento, nós só tínhamos saída no domingo, que nós saíamos para visitar a família, era o único dia. O resto era tudo no colégio, lá era um colégio fabuloso, muito bom, não encontrei nada de ruim. Então, era um colégio fantástico, porque ele vivia para estudar, que dizer, para ensinar. Eram os irmãos maristas que dirigiam tudo e os professores, lá nós não tínhamos nem professora, não existia nenhuma professora. Então, nós estudávamos de acordo com o ensino nacional, nesse período que era uma coisa importante, porque esse pessoal de advogado agora não passa nem na OAB.

Que cursos era? E só havia esse?

O curso era o de humanidades. Este era o mais importante. Eram cinco anos, não era quatro, como é agora. Depois, tinha o colegial com Medicina ou Direito. Então, eu fiz o curso de humanidades aqui, o pré-colegial no Rio [de Janeiro] e a admissão para universidade eu fiz lá. Fiz os meus dois anos de Direito lá, que era naquela época de Ciências Jurídicas e Sociais, diferente do que é hoje o curso de Direito. Hoje o curso de Direito é como se você estivesse treinando um advogado, então o cara tinha que saber leis e do resto do mundo ele não sabe. Naquela época nós estudávamos sociologia, ciências econômicas, direito internacional, quer dizer, era um curso importante, era uma preparação para política da época, porque naquela época era os bacharéis, então você se preparava para ser político ou então dirigente da burguesia.

Tinha uma preparação para a vida política? Mas era uma visão focada?

Essa era uma visão política. Não era visão da civilização em que nós vivemos, diferente de agora, muito diferente.

Havia outros colégios tradicionais?

Era o Colégio Nazaré, o Moderno, o Paes de Carvalho e o Santa Catarina. E das meninas do Gentil, os públicos só Escola Normal e o Paes de Carvalho.

Que não deixava de ser da elite, apesar de público?

Claro, claro. Para ser professora tinha que ter ajuda, senão não chegava lá. Eu vim para cá, porque meu pai era rico, meu pai era fazendeiro, tinha fazenda, essas coisas todas. Eu vim para cá para estudar.

Naquela época, a navegação particular tinha essas firmas que distribuíam as castanhas, usadas pelos estudantes?

Tinham navios, cada um tinha três, quatro navios, que faziam essa rota Belém–Manaus, Manaus–Belém, quer dizer, quando eu estudava no [Colégio] Nazaré, eu não tinha nem tempo de passar minhas férias em casa, porque a viagem de Belém–Alenquer, Alenquer–Belém é quinze dias, então era época das férias.

ARTES

Como era mundo das artes nessa época?

Ontem mesmo eu tive uma discussão com o Valente, ele é historiador anedótico, ele pega as pessoas e estão prontas, não sabe porque veio, de onde veio e pronto. Eu sempre fui preocupado com os problemas gerais. Então, naquela época nós tivemos aqui em Belém três imperialismos: tinha o português, o inglês e o francês. O português, vocês conhecem mais; o inglês era terrível porque toda a nossa economia estava vinculada ao inglês, toda tanto que toda a nossa estrutura aqui de Belém é inglesa: o bonde, o porto era inglês, a navegação era inglês, o telefone era inglês, o tipo de telefone que era usado era inglês, entendeu? Tudo isso era dominado pelos ingleses, muito pouca gente se preocupa com isso, entendeu? Tem uma marca aí, esse porto aí, porque esse porto aí foi quem estragou toda uma paisagem de Belém, porque nós éramos um porto para exportar mercadoria para Europa.

A Globo com a minissérie baseada na obra Mad Maria, de Márcio Souza, recuperou um pouquinho dessa história, né?

Recuperou um pouquinho e era isso. Esse Farquhar²⁰, que eles falam aí, ele era americano, mas era inglês, eles citavam um problema inglês. Então, essa colonização

²⁰ “Percival Farquhar nasceu em York, na Pensilvânia, EUA, em 19 de outubro de 1864, filho de Arthur Briggs Farquhar, um bem-sucedido industrial norte-americano. [...] Obtendo a concessão para construir a estrada de ferro Madeira-Mamoré, iniciou a obra em 1907. Preocupado em melhorar a navegação do rio Amazonas para aumentar as rendas do porto de Belém, administrado pela companhia Port of Pará, de sua propriedade, formou em 1909 a Companhia de Navegação da Amazônia. Ainda nessa região criou a Amazon Development Company e a Amazon Land & Colonization Company, para a qual foram doadas terras que hoje constituem o território do Amapá” (Fundação Getúlio Vargas). Disponível em:

portuguesa que todo mundo sabe; a inglesa na disposição da sociedade, quer dizer, eles pegaram o porto de Belém, fizeram o porto de Belém, fizeram um porto de Manaus, que naquele tempo Manaus era mais várzea, eles fizeram o Flutuante do Roadway, que era um porto em cima d'água, diferente do de lá que tem agora, depois fizeram isso e negociaram com essas duas coisas como de Manaus e o de Belém. O resto não existia para eles. O terceiro [imperialismo] era o cultural, que era o francês, porque era uma coisa geral do Brasil, que até hoje você tem. Então, eu me lembro bem que o Chico Mendes, que foi meu professor, o Francisco Mendes.²¹ Então, quando eu saí do colégio, eu pedi para ele uma relação de livros para que eu pudesse me aperfeiçoar – eu já escrevia naquela época – e ele me fez uma relação. Eu cheguei aqui em Belém não tinha nenhum livro, eu tive que ir ao Rio [de Janeiro] para poder comprar minha pequena biblioteca daquela época, porque era tudo em francês, a tradição era em francês. Então, eu saí do Nazaré conhecendo mais a França e a Revolução Francesa do que a história do Brasil e a história do Pará. Tanto que eu fui motivado na literatura, depois eu escrevi um livro de contos, com 45 contos, no Rio de Janeiro, foi um livro muito bem aceito pelos jornais. Depois, eu larguei de escrever e fui administrar as fazendas do meu pai e deixei de escrever. Quando eu voltei a escrever foi por causa do Guimarães Rosa.

E o cinema, o teatro, como Belém se movimentava em relação as artes?

A referência que eu tenho de arte, tinha duas formas de arte completamente diferentes: tinha o teatrinho, o teatro brasileiro, o teatro que nós todos conhecemos, o teatro que vinha para cá, lá no [Largo de] Nazaré e fazia aquelas coisas, o teatro. E tinha a grande força da criação paraense que são os pássaros, os bois e a pastorinha,²² era a grande

<<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FARQUHAR,%20Percival.pdf>>.

Acesso em: 14 out. 2024.

²¹ Francisco Paulo do Nascimento Mendes (10/01/1910 – 09/05/1999) foi um importante professor de Literatura, ligado ao movimento artístico e literário paraense do século XX. Referência intelectual de muitas gerações, atuou na docência na Escola Normal (hoje Instituto de Educação do Estado do Pará – IEP), no Colégio Estadual Paes de Carvalho, na Universidade Federal do Pará, além de escolas particulares. Para conhecer mais sobre essa personalidade, indicamos a leitura de: NUNES, Benedito (Org.). **O amigo Chico, fazedor de poetas**. Belém: Secult, 2001.

²² De acordo com o historiador Vicente Salles, os principais gêneros do movimento teatral popular paraense são: Pastorinha, nas festividades natalinas; Pássaro Junino e Boi bumbá na quadra junina; Teatro Nazareno, com apresentações de músicas, teatro de revista, nas festividades do Círio de Nazaré. Indicamos a leitura de: SALLES, Vicente. **Épocas do Teatro no Grão-Pará ou Apresentação do Teatro de Época**, Tomo1 e Tomo 2. Belém: UFPA, 1994; MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. **O teatro que o povo cria**: cordão de pássaros, cordão de bichos, pássaros juninos do Pará; da dramaturgia ao espetáculo. Belém: Secult, 1997.

força. E era incrível, eu assisti as apresentações, os pássaros entravam nas casas e faziam aquela coisa, era uma coisa fantástica.

Tinha o Teatro da Paz, da elite, e tinha o popular que ficava ali no Largo de Nazaré?

No Largo de Nazaré, na Praça Batista Campos, no Largo da Pólvora, os Pássaros se apresentavam durante o período todo, a festa junina era geral, contaminava toda a sociedade. Então, eles dançavam nas casas, no teatro, nas casas eram contratados para dançar, eram convidados para dançar, então traziam a vizinhança toda e um outro tipo de manifestação que, infelizmente, está [fora do cânone]. É, mas agora o Vicente [Salles], ele tem uma visão, no meu ponto de vista, errada sobre o negro. O negro no Pará não tem nada, não tem nada, tem manifestações, em algumas manifestações houve uma mistura, não tem nada que não tenha na Bahia, no Maranhão, no Rio de Janeiro. O que nós temos é indígena, isso é uma questão, fazer esse apanhado indígena, porque tudo que nós temos em matéria de arte, de criação vem de lá, tudo, tudo que nós somos vem do indígena. Agora, nós somos europeus, nós somos americanos, agora mais americanos do que outra coisa. Mas, na realidade, eu acho fantástica essa posição do Jatene²³ que, através do Ney Messias,²⁴ faz o resgate da música popular. Se nós temos vários ritmos, que esse pessoal nem conhece, porque a gente vai se contaminar com ritmos que não tem nada a ver conosco, por exemplo, o carimbó que é uma música fantástica.

Nessa época, se conhecia o carimbó, se dançava e onde dançava?

Se dançava nas cidades, em Belém não tinha. Aqui se ouvia as músicas de pássaros, bois e as pastorinhas, isso que a gente vivia. Isso que era música paraense. Não, não, não tinha, não tinha um movimento musical como hoje. As rádios tocavam música americana.

Já havia essa influência americana?

Já. Eu me lembro que eu levei, eu compunha, eu era, como é que se diz?, um folgado, um seresteiro e quando eu voltei para minha terra, o que eu ia falar, o pessoal canta isso, canta aquilo. Eu tinha que levar a música americana para eles ouvirem, porque não tinha, não tinha rádio nenhuma. Há poucos dias, um cara me falou um negócio importante, há poucos dias ou foi ontem, que é uma coisa que deveria ser feita era um resgate da Rádio Nacional. A Rádio Nacional era a rádio que atingia todo o Brasil e, lá

²³ À época da entrevista, o Governador do Estado do Pará era Simão Jatene (2003-2006).

²⁴ Ney Emil da Conceição Messias Júnior, em 2005, era Presidente da Fundação de Telecomunicações do Pará – FUNTELPA, hoje Fundação Paraense de Radiodifusão, na gestão do Governador Simão Jatene (2003-2006).

no Rio, ela tinha uma força fantástica, estava no teto do maior edifício da cidade, entendeu? Era formidável e teve um movimento fantástico no Brasil e foi desaparecendo, desaparecendo, essa Emilinha Borba, esse pessoal que você ver por aí, eles eram originais disso. Waldemar Henrique foi disso, compreendeu? Pois é, essa coisa é que precisa ser resgatada no país.

O senhor falou de invasão americana. E no cinema, como era o cinema?

Era a mesma coisa americana, totalmente americana. Agora, nós tínhamos uma outra coisa aqui, que as pessoas esqueceram que era, como é que chamava?, tinha um nome pejorativo, que era nacional: as chanchadas. As pessoas assistiam muito. Todo mundo ia, o cinema era uma arte popular. Aparecia em todos os cinemas. Nós tínhamos aqui muitos cinemas. E era uma coisa tremenda, quando vinha uma chanchada dessas, todos adoravam. Carlito, Oscarito, Grande Otelo, essa gente toda aí. Era tudo produzida no Brasil.

Como era a relação entre a cultura popular e a cultura erudita?

Isso aí era a divisão da sociedade. A nossa sociedade era Belle époque. Tanto que o [Antônio] Lemos foi em Paris copiar as praças. Aqui, a [Praça] Batista Campos é uma cópia de Paris, a Avenida Boulevard Castilho França também é outra cópia, até o nome era cópia, Boulevard Castilhos França, porque lá chama-se Boulevard. Essa coisa toda era uma sociedade que comandava, que tinha dinheiro, que participava. Agora o povo, o povo mesmo, não ia nessas coisas, ele tinha sua própria relação.

O que vinha para o Teatro da Paz? O que a elite assistia?

Só a elite assistia as óperas. A grande divisão era de classes, quem não tinha fazia suas músicas. Os pássaros, o que fizeram com os pássaros é uma tristeza, uma tristeza.

Nesta época havia espaço para formação de artista?

Nesta época era tudo popular, não tinha teatro, escolas de teatro, essas coisas todas.

Os pássaros, as pastorinhas, eles formavam? Eles passavam conhecimento?

É, eles formavam, por exemplo, sobre a cultura dos indígenas, também das coisas que nós apreciamos. E eles passavam esse conhecimento, passavam, já havia formação, a música ainda é nesse país aquela classe, a música erudita que chamam, e ela teve uma influência muito grande aqui, por causa da situação da sociedade, quer dizer, na época

da borracha tinha um teatro desse [Teatro da Paz], fantástico, que era toda uma influência...

Quais os outros espaços apresentavam cultura aqui?

Aí é que tinha essa divisão, a produção popular era um espaço familiar.

E seu gosto em relação à música?

Em matéria de cultura, eu tenho uma ginga ampla, eu gosto de música erudita, gosto de música popular, sendo que agora eu estou mais voltado para a música popular. Eu acho até que é um absurdo isso que eles estão fazendo aqui. Pegar o Teatro da Paz e fazer a mania dele, do Gilberto,²⁵ porque ele é cantor, então, ele brinca com isso aí, tem isso na cabeça.

Aqui havia artistas que sobreviviam de sua arte?

Os artistas não sobreviviam de sua arte, não que eu saiba, não. Não tinha um grande artista, nem cantor, como nós temos agora, alguns cantores bem representativos, nem isso existia. Tudo vinha do Rio, era uma influência fantástica sobre nós aqui.

O governo investia na cultura?

Não, até hoje, né? O ensino é uma porcaria, no Brasil, não é só aqui, é uma porcaria. Não existe uma repercussão, por exemplo, eu estou na Academia [Paraense de Letras], e fiz isso várias vezes e vou fazer ainda mais, a academia, a antiga academia, era para discussão das obras, discutia internamente, mas discutia, e essa nem isso acontece. Eu publico dois livros, tu pensas que foi discutido na academia?

ESCRITURAS, LEITURAS, CRÍTICA

O que escreves hoje é uma recuperação do que escrevias naquela época?

Não, absolutamente é outra coisa. Porque o Guimarães Rosa fez uma coisa extraordinária, ele pegou o sertão brasileiro e jogou nos livros dele, é uma coisa fantástica, inventou uma forma de escrever que ninguém tinha nessa época, que é a ilusão da realidade. Tanto é que, depois que eu li Guimarães, eu achava que não podia ler mais nada.

²⁵ À época da entrevista, o Teatro da Paz tinha como seu diretor Gilberto Chaves. Sua gestão foi marcada pela valorização da música erudita, por meio de concertos e dos Festivais de Ópera do Teatro da Paz.

É o que fazes também?

Pois é, eu peguei o Dalcídio, que foi antes de Guimarães Rosa, e aí comecei a escrever, mas a escrever já nesse outro sentido.

A sua obra configura o homem amazônico, o caboclo de que falas?

É, o pessoal olha o caboclo e pensa que ele não tem inteligência, que ele não tem criatividade, o meu não, o meu caboclo é inteligente como todos são. Então, como eu ia explicando para vocês, nós sofremos três imperialismos: um português, que agia mais na cidade e nos costumes; mas o intelectual era francês e o comercial era o inglês. Então, nós fomos sempre dominados sempre. E o Brasil é um país dominado sempre, nunca deixou de ser, essa independência é uma farsa, a República é outra farsa, não tem nada de República e não tem nada de independência, porque ninguém sabia (parou para mostrar o mapa hidrográfico do Pará).



Figura 6 – Benedicto Monteiro mostrando aos entrevistadores o Mapa das Bacias Hidrográficas do Pará, presente em seu livro *Ecologia e Amazônia*. ²⁶Fotografia de Denis Bezerra.

Fonte: Acervo de Pesquisa do Grupo de Pesquisa CUMA.

²⁶ MONTEIRO, Benedicto. **Ecologia e Amazônia**: ideias sobre a alfabetização ecológica. Belém: SECTAM, 2004.

Quer dizer, eu não peguei essa civilização fluvial que somos nós, nós somos uma civilização fluvial, nós temos um povo mestiço que não existe igual no mundo, temos uma terra fantástica. Então, eu entrei nessa coisa escrevendo sobre isso, porque os outros escrevem... O próprio Dalcídio, que é um grande escritor se perde nessa questão do exame da sociedade, quer dizer da natureza. Quer ver? Ele escreve sobre o Marajó, que é um troço fantástico e ele se custa dos homens, não da natureza.²⁷ Nós premiamos um livro, que eu acho que vocês devem pegar ele, ele é da Imprensa Oficial paraense, é o “Maré Morta” de um “cabôco” do Marajó, um “cabôco” mesmo, se olhar para ele você vai ver que é um “cabôco” lá do Marajó, escreveu esse livro uma riqueza.

Quem é o autor?

É o José Maria de Lima,²⁸ ele não é conhecido, eu tenho falado sobre ele, mas ele não é conhecido, coitado ele não tem a mídia ao lado dele. Então a gente pegou esse fantástico Romance, que eu considero, eu até dei menção honrosa, pela Academia. Já está publicado, porque quando a academia deu essa menção, ela já mandou publicar pela Imprensa Oficial, deixa só vocês irem lá que tem o livro. Depois de Dalcídio Jurandir, em matéria de literatura de prosa, eu acho que é ele, e é uma modéstia qualquer.

Hoje não há críticas e antigamente havia?

Também não havia, menos, muito menos, porque antigamente era os panfletários, o Maranhão, o Marques, quer dizer eram pessoas que escreviam no jornal, inclusive o Lemos, eram pessoas que escreviam, mas não tinha assim nada. Por exemplo, o Haroldo

²⁷ Aqui o entrevistado quis enfatizar que o escritor Dalcídio Jurandir, em seus romances, dá mais ênfase ao homem do que a natureza. No Pará usa-se essa expressão “se custa” para dizer que se dá muita atenção, ênfase a algo.

²⁸ “José Maria de Lima nasceu no município de Muaná, localizado no maior arquipélago flúvio-marítimo do mundo, em 1933. Com graduação em pedagogia, o escritor sempre se interessou por registrar no papel as características de sua terra, repleta de contradições. Com tramas que retratam o cotidiano e os conflitos do povo marajoara, é transmitido um pouco de sua essência. Recebeu o prêmio Samuel Wallace MacDowell da Academia Paraense de Letras, além de ter recebido menção honrosa no Prêmio Dalcídio Jurandir 2012 na categoria romance” (Blog Flor do Marajó). Disponível em: <<https://flordomarajo.blogspot.com/2016/11/resenha-do-livro-ave-marajo-do-escritor.html>>. Acesso em: 15 out. 2024.

Maranhão²⁹ fundou aqui um espaço para literatura,³⁰ só que caiu logo e ninguém tomou conhecimento.

E livraria?

Era uma tristeza, eu não disse para vocês que eu procurei meus livros e não tinha nenhum, aliás tinha, mas muito restrita, tinha duas ou três livrarias no máximo, que ficavam geralmente na [Rua] João Alfredo. Elas traziam livros e tudo, mas era sugestionada pela sociedade, a elite.

Como era a questão dos livros, dos autores, tinha alguns autores conhecidos da época?

Dalcídio Jurandir ninguém nem falava, nunca se falou, foi preciso uma luta, e eu faço parte dessa luta, porque eu cheguei e gostei. Dalcídio era um grande escritor, mas ninguém falava. Não havia espaço para a literatura.

Nem para declamar, discutir poesia?

Nada. Como não acontece hoje. O que tinha, por exemplo, era os declamadores e as declamadoras, que eram pessoas que sabiam a poesia e eram chamadas para os teatros ou para as festas para declamar as poesias para as pessoas.

Se reuniam também nas academias paraenses?

A academia sempre foi uma torre de marfim, até hoje ainda é assim. A luta lá é jogar a academia para o interior. Mas tem muita gente que não frequenta a academia, porque é antigo, é coisa de velho. Mas, enquanto eles forem vivos, eles são imortais.

A Academia dos Novos teve alguma repercussão?

Nada, era apenas aquele pequeno grupo, mas não tinha repercussão na sociedade, nos jornais, excetuando o suplemento dos jornais Folha do Norte e Província [do Pará], o resto não tinha.

²⁹ Haroldo Lima Maranhão (Belém, 7 de agosto de 1927 — Rio de Janeiro, 15 de julho de 2004) foi um escritor, jornalista e advogado brasileiro. Considerado como um dos mais importantes prosadores paraenses do século XX, Haroldo Maranhão participou da Geração Modernista de 45 no Pará e coordenava o Suplemento Literário da Folha do Norte (ver a nota 13), jornal que pertencia a seu avô, Paulo Maranhão.

³⁰ O entrevistado faz referência ao Suplemento Dominical Arte-Literatura do Jornal Folha do Norte (1946-1951), importante espaço de reflexão e divulgação do movimento literário moderno em Belém/PA. Os líderes desse movimento são considerados, pela crítica, como os organizadores da chamada Geração de 45 no Pará, um recorte regional da Segunda Geração Modernista Brasileira.

E as dificuldades para fazer uma publicação?

Aqui não tinha onde publicar, tinha aqui uma coisa que publicava aquela poesia de cordel, que é outra coisa que nós abandonamos, nós tivemos grandes cordelistas aqui no Pará. Isso eles publicavam, mas era popular, era para o Ver-o-Peso, que os outros não ligavam. Lembro do escritor Zé Vicente, tinha alguns que eu não tenho aqui na cabeça, mas eram notáveis, Zé Vicente era notável. O povo apoiava, comprava no Ver-o-Peso, lá na feira. O fluxo de cultura acontecia muito mais no espaço popular.

Na época o que se lia em Belém?

Eram os franceses e alguns raros brasileiros, [José] Lins do Rego, Jorge Amado, essa gente, mas raramente, coisa rara, se você for fazer um teste vai ver que tinha uns dez a doze pessoas (...). Se não tivesse o domínio da língua francesa, se não soubesse escrever como os franceses escreviam, não adiantava.

Sua construção de leitura foi francesa?

Foi, eu fui educado no Colégio Nazaré, então eu saí sabendo mais da história da França que do Brasil, e da Revolução Francesa, eu acho que sou doutor. E saí de lá sem saber que aqui tinha uma revolução chamada Cabanagem. É um exemplo, estou dando um exemplo, eu era completamente analfabeto, em história do Brasil nem tanto, mas história do Pará eu não sabia nada, como ninguém sabe.

O que o senhor gostava de ler?

Tudo que era contista e romancista francês, eu li Proust, Flaubert, Guy de Maupassant, todos esses grandes escritores franceses e ingleses. Os franceses não só, mas de modo geral, porque quando eu saí do Nazaré, eu saí falando e escrevendo francês, então facilitava. Tinha esses romances brasileiros, que a gente tem aí, os grandes romancistas brasileiros: Jorge Amado, Graciliano Ramos, Lins do Rego, que são grandes escritores realmente, Machado de Assis, e a minha leitura era essa, francesa e brasileira. Lia aqueles mais importantes, mas não tinha assim nenhuma influência portuguesa, por causa do meu amor à Cabanagem, eu sou anti-português.

CONDIÇÕES DE VIDA NA CIDADE

Como era Belém em relação à moradia, ao transporte, e outros aspectos?

Belém foi uma cidade mal feita, nos recuperamos agora. Essa questão fluvial de Belém, que diz Belém, nessa parte onde está o cais do porto, isso aqui era uma praia, uma praia

linda, mas como nós não tínhamos a menor noção do que era praia, os ingleses chegaram lá, pegaram o rio e fizeram esse porto, que é uma coisa fantástica, uma obra fantástica, você chega ali e ver uma coisa fantástica. Construir aquela casa, o Port of Pará, linda, mas a sociedade não tinha. Até quando eu cheguei aqui, quem mandava eram os marajás. Eles eram a maior força econômica local. Não eram os portugueses, eram eles que mandavam aqui, eles vinham do Marajó. Agora o Marajó para eles lá era ganhar o dinheiro lá, e se mostrar aqui em Belém. Eu me lembro ainda quando era garoto, estudante do Nazaré, eu ia para porta ver o Lobato, que tinha o único carro, único carro de Belém passar, era um carro sem cobertura, Lobato que tinha! Só uma pessoa.

E qual era o sistema de transporte?

O sistema de transporte era o bonde. Só havia o bonde e o trem, que pegava desde aqui de Belém. O trem foi outra coisa estúpida que tiraram aqui de Belém, estupidamente sem nenhuma explicação. Belém é, como eu digo, uma cidade mal feita. Nós temos as coisas lindas que estão aparecendo aí, que o Paulo Chaves³¹ está fazendo, arquitetonicamente, mas fora isso não tinha mais nada. Belém era uma cidade... Para vocês terem uma ideia, quando fui secretário de estado, é eu era secretário de estado e a minha secretaria era Secretaria de Terras e Viações. Então tratava de obras, de terras e das contas, aí eu cheguei lá mudei e tirei viação e coloquei água: Secretaria de Terras e Água. E quem tratava de água aqui era a COSANPA,³² então a COSANPA era da minha secretaria. Naquela época, eu não estava interessado nessa questão de água, eu estava na questão do rio, igarapé, essas coisas todas. E eles me apresentaram um estudo que uma empresa tinha feito sobre as águas, eles achavam que metade das terras de Belém eram inabitáveis, não podia ter nem criação de animal, era isso que eles achavam. Então, que dizer, o povo de Belém é esse que está nas macrodrenagens, que morava nas baixadas, como se falava no Rio nas favelas, aqui para nós é a baixada.

³¹ Paulo Chaves Fernandes foi Secretário de Cultura do Pará nas gestões dos Governadores Almir Gabriel (1995-2023) e Simão Jatene (2003-2007 e 2011-2018).

³² Companhia de Saneamento do Pará.

O que era centro e o que era baixada nessa época?

Tudo, toda essa parte... Você pega aqui na frente de Belém você tem essa coisa que pega da Vila da Barca³³ e vai lá, mas agora não tem um monte de coisa. O chique o que era o bairro de Nazaré, a Batista Campos e a Cidade Velha.³⁴

Aqui aos arredores tinha vacarias?

As vacarias tinham nas ruas de Belém, aqui na Magalhães Barata tinha vacaria, aí nessa Padre Eutíquio, Travessa que vai da Boulevard Castilho França até a Estrada Nova, no bairro da Condor tinha vacaria. A partir daí era tudo baixada. Tudo baixada. Aí tinham vacarias, enormes vacarias, toda essa rua, da Conselheiro Furtado, essa margem era tudo vacaria, não tinha nada até lá na Condor, que dizer, esse terreno que vai daqui³⁵ até lá na Condor era tudo vacaria. É como essa Domingos Marreiros até a Alcindo Cacela era toda uma baixada, não tinha nenhuma rua aterrada, e havia iluminação do jeito que há até hoje.

E a questão da saúde, quais os hospitais que existiam na cidade?

Os hospitais que existiam era a Beneficente Portuguesa, que era dos portugueses, melhor hospital que tinha em Belém; o outro é a Santa Casa, e aquele dos evangélicos, o Hospital Belém. Não tinha mais nada essas coisas todas, que a gente vê hoje em razão do crescimento da cidade. O hospital popular, onde o povo poderia ir era o Pronto Socorro da 14 de Março, o Pronto Socorro que fazia tudo isso, tanto que agora não tem lugar para ele. Postos de saúde? Não, isso não havia, não existia.

³³ Situada no bairro do Telégrafo, em Belém/PA, a Vila da Barca é uma área residencial construída sobre uma região alagada, sobre estruturas de palafitas. Desde a década de 1990 vem passando por processos de urbanização, com novas estruturas de habitação. O entrevistado refere-se a esse espaço como exemplo de área urbana periférica que precisa de ações do poder público, para melhorias da comunidade.

³⁴ Durante o período da Belle Époque, quando a cidade de Belém passou por transformações urbanas, as áreas que hoje correspondem aos bairros de Nazaré e Batista Campos passaram a abrigar a população abastada, a burguesia local. Assim, pavimentou-se avenidas e ruas, construíram-se praças a modo francês, palacetes, sendo considerado, a partir de então, como bairros nobres. O bairro da Cidade Velha corresponde as áreas do centro histórico de Belém, onde a cidade surgiu e ganhou os primeiros aparelhos urbanos após o processo urbanístico do século XVIII, como igrejas neoclássicas, teatros, comércio etc., hoje abriga vários prédios públicos do poder judiciário e executivo, como a Prefeitura de Belém, e museus históricos. Morar nesses bairros, até hoje, possui uma simbologia de poder econômico e social.

³⁵ A entrevista ocorreu no apartamento do entrevistado, localizado na Travessa Castelo Branco, entre os bairros de São Brás e Guamá. A referência que Benedicto Monteiro faz são os bairros São Brás/Guamá (daqui), passando pela Cremação e Condor. Já quando menciona as Ruas Domingos Marreiros e Alcindo Cacela refere-se aos bairros do Umarizal e Fátima (antigo bairro da Matinha), região cheia de antigos igarapés e igapós, alagados. Esses braços de rios foram transformados nos chamados canais, após o processo de urbanização, onde pessoas moram em suas margens.

COMUNICAÇÃO

Como o senhor se comunicava com seus pais? Por cartas?

Sim. Cartas. Eles moravam em Alenquer e só os visitava nas férias, então em outros momentos do ano, como estudava em Belém, eu me comunicava por meio de cartas.

O senhor tinha costume de escrever cartas?

Não, eu sou um péssimo escritor de cartas, eu tenho um amigo editor lá no Rio que diz que eu sou tão péssimo, que eu tinha uma carta de Drummond sobre o meu livro e eu não respondi.

E os espaços da mídia, como o rádio?

A rádio é um instrumento da mídia, ela não sai, não larga seu local e o rádio refletia isso. Tinha programas de auditórios no Brasil inteiro, que era outras coisas que deveriam ser resgatadas, não como nos tempos atuais, mas como era mesmo. A rádio sempre foi muito importante. Aqui, para nós do Pará, a rádio foi muito importante, porque você conversava com sua família através da rádio, mandava recado, recebia recado, entendes? Fazia tudo, ainda hoje tem um pouco.

O senhor usava o rádio?

Usava, sempre usei, quando eu fui deputado em 1958, eu acho, eu montei uma estação de rádio. Só para falar com eles [os pais] em Alenquer, eu tinha um aparelho comum, eu disse: “faz um negócio, que é só para mexer aqui, e eu quero que o pessoal fale lá”. Ele fez um para mim e um para lá, aí eu falava com eles.

O senhor acompanhou as rádios novelas?

Não, isso eu nunca acompanhei. A radionovela era coisa de mulher.

Quais eram os jornais da época?

Os jornais eram esses dois que vocês falaram, que acabaram: a Folha do Norte e a Província, mas eu sempre estava ligado ao Rio, eu passei oito anos no Rio, de 1943 a 1949.

Havia algum colunista nesses jornais que o senhor gostava de acompanhar?

Havia, mas não literário, colunista político, literário não há grandes escritores a não ser...

Na época da televisão, o que aconteceu em Belém?

Olha, a televisão foi uma coisa importante que aconteceu aqui, aconteceu no Brasil, não somente no estado do Pará. Nós aqui tivemos a TV Marajoara, que era do Assis Chateaubriand e depois a TV Liberal. Era só essas duas, tiveram muita influência também. E tinha programas locais, todas as estações tinham.

E o senhor tinha o aparelho de TV? As pessoas iam a sua casa assistir?

Tinha aqui em Belém e lá [Alenquer]. Iam bastante. Agora mesmo, eu cheguei de Alenquer, renovou. E fazia uns trinta anos que eu não ia lá, levando a biblioteca eu fundei um clube. Eu tinha a minha influência com algumas pessoas. Então, os clubes... lá tinham dois clubes, eles tinham os jogadores, mas os jogadores não podiam entrar no clube, como acontece até hoje. Aí eu fundei um clube chamado Internacional, com eles, com os jogadores trabalhando para construir a sede e tudo, e eles tem liberdade com os outros. Foi uma coisa importante, a gente veio buscar um conjunto aqui em Belém para tocar, aí eu fundei por isso, nos outros [clubes] os jogadores não podiam entrar no clube, mas no meu podia. Agora, eu fui porque eu fui reinaugurar o clube, estava quase acabado, eu mandei uma pessoa para lá para ele organizar, ele organizou, ele reconstruiu o clube e eu fui reinaugurar e levar à biblioteca três mil livros, que eu consegui e levei para lá, parte da minha biblioteca eu dei, eu levei para lá. O que eu ia dizer é que fui para lá fazer isso, mas cheguei em Santarém, todo mundo queria entrevista, rádio, televisão. Eu tinha que falar, aí falei que ia para Alenquer para reinaugurar o clube e ia inaugurar a biblioteca, mas não tinha ninguém lá para dizer: “olha, faz isso, faz aquilo”. Eu tinha muitos amigos, mas não tinha contato. Sabe que fui recebido por mais de trezentas pessoas me carregaram, me beijaram, me sacanearam de tudo que é jeito. O mais importante é que eu fui deputado federal e estadual, duas vezes. Tem muita coisa que eu fiz lá, e fui recebido como escritor.

Quais as mudanças que a TV gerou aqui em Belém?

Ela deixou um pouco mais presente a questão do Rio de Janeiro. Era o rádio que transmitia as coisas e ela tornou presente e ela começou a mostrar as coisas e as televisões daqui procuravam imitar os programas de lá. Então, a televisão é sempre isso, trazer essa questão do Sul, transmitir para nós essa vida do Sul.

E quem possuía aparelho de TV em Alenquer?

No princípio era muito difícil, mas agora começou a se popularizar, eu fui a Alenquer, no Baixo Amazonas, e como Alenquer é uma cidade desprezada, como muitas cidades são desprezadas pelo governo, tinha dito que não ia mais em Alenquer, com pena daquele povo, mas agora fui. E lá não tem uma estação transmissora só de Alenquer, mas eu me assustei com a quantidade de antenas parabólicas, coisa impressionante, quer dizer, eles estão em contato com o mundo e não estão em contato com as coisas daqui, é impressionante.

Quais os programas que o senhor gosta de assistir?

Eu gosto muito de programas humorísticos, nem todos, tem uns aí que a gente nem pode ver. Eu, por exemplo, sou fã de A Grande Família, é o único que eu vejo, que é engraçado, porque a gente precisa de riso.

Na época tinha outros programas?

Tinha, tinha, inclusive, pessoas aqui que eram humoristas. Aqui mesmo em Belém tinha artistas locais, o Armando Pinho, tinha produtor como o Ubiratan Aguiar, era o Pierre Beltrand, mas tudo vinculado à questão do Rio de Janeiro.

A programação era dividida em horários?

Era uma programação como outra qualquer, só que tinha a prevalência carioca.

Na época assistia bastante comerciais?

Existia bastante.

O senhor lembra de algum?

Não, eu sempre detestei a propaganda.

RELIGIOSIDADE E FESTAS**O senhor sempre acompanhou o Círio? Era diferente de hoje?**

Não, o Círio só tem uma andada, ela anda, anda, sempre foi isso, desde que eu me entendo, sempre foi isso, a corda... Tanto que eu tenho um poema sobre a corda, todinha.



Figura 7 – Capa da obra *Discurso sobre a corda*, de Benedicto Monteiro.³⁶

Além de Nossa Senhora, qual era as outras festas que tinham na época?

Olha, uma das coisas que é errada aqui e os escritores, os poetas, esqueceram da grande influência que tem a religião sobre nós. Uma influência fantástica, eu sou por exemplo materialista, até hoje eu tenho uma influência muito grande, e em mim mesmo, por eu não ser cristão, nem franciscano, eu não digo que não tenho religião, para o cara não se ofender, eu digo não sou cristão, nem franciscano, mas a influência é enorme. Todo município aqui no estado do Pará tem influência, e não aparece, agora que nós estamos resgatando essas coisas.

O senhor sempre gostou de acompanhar essas festas?

Não, eu gostava de ver, agora vou dizer quando eu entro numa igreja, numa catedral, o tamanho.... impressionante, logo que a gente entra numa igreja sente sempre alguma

³⁶ MONTEIRO, Benedicto. *Discurso sobre a corda*. Belém: Cejup, 1994.

coisa, né? Muita coisa eu sinto. Aquela liturgia da igreja até hoje me comove, eu gosto, quando eu vou à missa, que o padre não é estrangeiro, é português, fala português, eu me comovo com aquelas coisas, os santos hoje das igrejas tão bonitos, tão lindos.

Como era a Paixão de Cristo?

Tudo era igual aqui, só tinha o apoio da sociedade, por exemplo, esse encontro de Santa Maria com Jesus, que fazem aqui, era célebre e menor, a pessoa ia para ouvir a Verônica, ficava arrepiado de ouvir a Verônica.³⁷ A Verônica era um acontecimento, assim como a Fafã vai cantar agora, a Verônica era um acontecimento social, o pessoal ia para ouvir a Verônica. Isso não só aqui, em todo o estado era isso. O que aconteceu em relação à religião foi essa questão do domínio dos evangélicos, a capital eles tomaram conta, mas a religião era uma religião da sociedade.

As comidas típicas sempre acompanham as festas. O senhor sempre as saboreou?

Claro, claro, eu sou vidrado. Eu gosto de tudo que é fruta do mato, eu adoro e gosto muito de peixe, só como peixe aqui em casa, e o pessoal lá de Alenquer me manda, pirapitinga, bacu, tambaqui, tucunaré, eu só como essas coisas de lá.

Como eram as festas carnavalescas aqui em Belém? Eram em clubes?

As festas nesses clubes eram iguais a Alenquer. Os grandes salões eram os do Clube do Remo, Assembleia Paraense, era frequentado por toda a elite. A Assembleia teve que fazer a sede campestre, porque a outra já não dava mais.

Mas também tinha muita festa em casa de família?

O carnaval, por exemplo, era em casa de família. Era isso que se fazia, estas festas, estas coisas todas, era isso que se fazia, se reunia nas casas e se programavam. Havia o famoso

³⁷ Em Belém/PA, em toda Sexta-feira Santa ocorrem duas procissões católicas, de forma simultânea: Procissão do Senhor dos Passos e Procissão de Nossa Senhora das Dores. A Primeira sai da Basílica Santuário Nossa Senhora de Nazaré (Praça Santuário) e percorre o trajeto: AV. Nazaré, Assis de Vasconcelos, Gaspar Viana, Presidente Vargas, Manuel Barata, Travessa Padre Prudêncio, Gaspar Viana até a Igreja das Mercês. A segunda sai da Igreja de São João Batista (Rua São João Diogo, Cidade Velha) e percorre o trajeto: Travessa Joaquim Távora, Rua Dr. Malcher, Rua Padre Champagnat até a Rua Siqueira Mendes, Trav. Dom Bosco até a Dr. Assis, Rua Capitão Pedro Albuquerque até a Rua Ângelo Custódio, Praça Felipe Patroni, Av. Portugal, Rua 16 de Novembro até a Igreja Nossa Senhora das Mercês (Arquidiocese de Belém. Disponível em: <<https://arquidiocesedebelem.com.br/procissao-e-sermao-do-encontro-2024/>>. Acesso em: 17 out. 2024). Em frente à Igreja das Mercês ocorre o encontro das duas procissões, simbolizando o encontro da Virgem Maria com seu filho Jesus, no caminho para o calvário.

assustado, era um carnaval, os amigos se fantasiavam, quando tinha aniversário, e entravam na casa e faziam a festa.

Havia o carnaval de rua? Como eram as batalhas de confete? E as agremiações?

Havia, mas era importante, como é até hoje. É assim como fazem hoje lá na Cidade Velha. Havia também o carnaval dos clubes do Remo, do Paysandu, da Tuna, as escolas de samba – algumas são antigas.

Como eram lembradas as outras datas como Independência e Finados, Natal?

Finados sempre foi muito religioso, sempre foi uma data muito lembrada. Agora em relação às outras, 7 de Setembro era uma festa comandada pelos militares e estudantes, só isso. A Independência do Brasil... (risos), até agora nós estamos esperando. O Natal era uma coisa mais familiar, muito mais familiar, hoje você não vai para o Natal, você marca num restaurante, faz amigos. Naquele tempo, não, era diretamente com a família.

COSTUMES

Como os homens e as mulheres se vestiam na época?

Tudo a mesma coisa, quem determina isso é a mídia, a mídia paga lá, joga e acabou. Aqui era absurdo usar luvas, o traje europeu já era absurdo, imagine se for usar luvas, a questão da luva e do chapéu eram menos usados aqui por causa do clima.

E o namoro nessa época?

Eu acho que não mudou muito, apenas adaptou aos costumes. A droga invadiu esse espaço, hoje se for em qualquer Parafolia, Carnabelém,³⁸ que tem um grupo lá, que vai para se drogar.

A questão do sexo como se encarava?

Se falava nisso, mas não era abertamente, quer dizer, tanto o homem, quanto a mulher, eles se guardavam. Essas coisas até na literatura era censurada, se for olhar não encontra, tenho um livro é inédito, porque a mulher fala de sua sexualidade.³⁹

³⁸ Festa de estilo micareta que foram muito intensas na década de 1990 e nos anos 2000 em Belém/PA.

³⁹ Refere-se a obra de sua autoria *A terceira Dimensão da Mulher* (2002).

E a questão do corpo?

Nessa época não havia essa doutrina do corpo, essa doutrina comercial, se trajava sem a necessidade de expor o seu corpo, tanto o homem, quanto a mulher. Hoje não, o homem fica sem camisa e a mulher com aquele biquinzinho. Isso não existia, aliás, isso é meio brasileiro, a gente está impondo isso para o mundo, hoje nós estamos exportando essas roupazinhas de mulher para o resto do mundo.

POLÍTICA

Como eram as campanhas políticas e quais os principais políticos?

No Pará, eu pertencço a uma época que era baratismo e anti-baratismo.⁴⁰ O Barata⁴¹ era o Barata, era um líder. Na minha opinião, foi o melhor governador que o Pará já teve. O Barata era militar, muito consciente da autoridade dele e determinava coisas que eram contra os direitos humanos. Ele tinha uma lancha e saía para visitar, com todo o secretariado dele, aí chegava lá, audiência pública, o pessoal chegava contando história, pedindo as coisas, ele ia anotando. O que podia atender, ele atendia, agora em matéria de social. Por exemplo, se uma pessoa chegava lá e dizia: “eu tenho uma terra assim, assim”, ele mandava buscar o fazendeiro na casa dele, prendia no barco e estava resolvido, era fantástico. Aqui os portugueses eram todos contra ele, todos eles não admitiam, como eu não admito, eles não fizeram nada para nós, ao contrário, nos massacraram. Eu tenho tido convite para esse Clube Literário Português, tenho recusado, eu não quero nem falar, então, ele tinha essa ideia. Tudo dele era popular. Por exemplo, ele era o único governador que tinha semanalmente audiência pública, ele esperava lá no palácio, o pessoal fazia as filas, e o secretário estava lá do lado, ele dizia: “fulano, isso eu não posso, toma nota aí e faz”; e ele ia fazer. Então, ele era um cara fantástico, mas como eu era estudante, eu era contra ele. Meu pai era baratista e eu era contra, por causa dessa questão de atender mal as pessoas, eu não tinha percebido outras questões. Quando eu fui secretário de estado, que eu cheguei na secretaria, do Moura

⁴⁰ Baratismo e Anti-baratismo, movimento político que marcou o Pará durante as décadas de 1940 e 50. O primeiro eram as pessoas e políticos que apoiavam o Governador Magalhães Barata. O segundo, seus opositores, um dos principais foi Paulo Maranhão, dono do jornal Folha do Norte. Em oposição, Magalhães Barata criou O Liberal.

⁴¹ Joaquim de Magalhães Cardoso Barata (Belém, 2 de junho de 1888 – 29 de maio de 1959) militar e político brasileiro. Interventor Federal do Pará de 1943 a 1945 e o 25º Governador do Estado de 1956 a 1959.

Carvalho⁴² e do Aurélio do Carmo,⁴³ então quando eu cheguei na secretaria não existia problema de terra, para vocês terem uma ideia não existia nem o mapa do Pará. Eu fui para questão de terreno e disse para o governador: “olha, eu não quero saber nada de obras, isso vai ficar com os meninos, que eu vou para a questão de terra”. Aí eu comecei a trabalhar com essa questão de terra, o único problema que eles cuidavam era das castanheiras, a ENAR, era só os castanhais, nesse departamento. Então, eu comecei a estudar o problema da legislação agrária, como no Brasil não tem nada, eu tive que fazer uma pesquisa em seis mil (6.000) diários oficiais. Tinha um colega meu, que era o Orlando Fonseca, que era advogado, eu disse: “Orlando, me empresta a tua coleção de diários” [ele tinha toda a coleção], “eu te trago aqui um carro”. Ele disse: “Não, traga um caminhão”. Eu tive que levar um caminhão. Agora, quando chegou na minha casa, tu já imaginou? Seis mil (6.000) e eu comecei a ver que o Barata era um cara de grande visão, até o Passarinho⁴⁴ chegar a governador toda a legislação foi ele que fez. Aquela época ele já proibia o desmatamento. Nos anos 1960.

O senhor foi deputado Estadual e Federal?

Três vezes deputado Estadual e duas Federal. A primeira pelo PTB, que ganhou mais não levou, depois continuei pelo PTB e fui eleito.

Nesta época qual era a bandeira mais importante de luta?

Aqui era o baratismo e o anti-baratismo, na questão nacional não havia muita importância.

Não havia nenhuma força nacional?

Quando eu me elegi deputado, o Jango [Jânio Quadros] já era presidente, eu era do partido dele, eu tinha uma intimidade com ele, muita intimidade, era um homem muito simpático, não porque até hoje. Mas ele gostava muito de mim, mais muito mesmo. Tanto que quem marcava audiência do governo com ele era eu. Ele esteve aqui, veio, ele

⁴² Luís Geolás de Moura Carvalho (Belém, 25 de julho de 1906 – Belém, 13 de setembro de 1988) militar, pecuarista, empresário e político brasileiro, Governador do Pará por duas vezes: 1947-1951; 1959-1961.

⁴³ Aurélio Corrêa do Carmo (Belém, 31 de janeiro de 1922 — Belém, 1 de maio de 2020) político, magistrado e advogado brasileiro. Foi governador do Pará de 1961 até 1964, quando foi deposto pelo golpe militar de 1964 liderado no estado por Jarbas Passarinho e Alacid Nunes.

⁴⁴ Jarbas Gonçalves Passarinho (Xapuri/AC, 11 de janeiro de 1920 – Brasília/DF, 5 de junho de 2016) militar, político brasileiro. Foi governador do Estado do Pará (1964-1966), ministro do trabalho, da educação, da previdência social e da justiça, além de presidente do Senado Federal.

recebeu o título de cidadão belenense ou paraense, nesse meu livro eu tenho uma foto com ele, o livro de História do Pará.

Desembarcando em Belém, preso em 1964, o senhor foi preso aonde?

Fui preso em Alenquer, nas matas de Alenquer, eu fui para uma propriedade do meu pai, eu conhecia a propriedade, eu conhecia as castanheiras, e tinha muita castanheira, e tinha muito local para me esconder lá.

Mas o senhor sabia que estavam lhe perseguindo?

Já, já, quando eu saí daqui de Belém, eu saí em uma viagem cinematográfica, porque eles fecharam as estradas, e eu estava aqui. Aí chegou um amigo meu com um projeto e disse: “Eu sou piloto de um avião de dois motores, ele está completamente abastecido e está na base aérea. Se o senhor quiser podemos pegar e ir para fora”. Ele queria me levar para fora do país. Eu disse: “vamos!”. De lá paramos em Alenquer, eu disse para ele me deixar lá em Alenquer: “eu não quero ir para fora do país”. Eu fiquei na mata escondido, depois encontrei alguns amigos e eu fui andando para casa dos meus pais. 60 Km de mata, de mata pura. Aí eles puseram a polícia, o exército, a marinha tudo atrás de mim. Como eles prenderam meu pai na cidade, eu resolvi me entregar, seria uma forma de libertá-lo.

Por que o senhor era considerado um elemento tão perigoso?

Só perguntando para eles.

Por que o senhor era janguista, não era?

Era, eu era amigo do Jango, do governo, petebista, defendia a reforma, aliás eu fazia a reforma agrária. Não só defendia, como fazia. A Rodovia Belém-Brasília, tudinho era projeto meu para reforma agrária, eu coloquei trinta mil pessoas na beira da estrada. Depois tomaram os títulos de posse. Porque eram contra mim e contra a reforma agrária, por isso. Não tinha nada que autorizasse eles a fazerem isso.

A lei do Jango colocava que 100 km pertencia ao governo?

Ao contrário, isso aí já foi do golpe de 1964, o Jango apenas desapropriou 10 km das margens de cada estrada federal, ou planejada, para que pudesse fazer a reforma agrária. Agora o golpe militar quando chegou fez em vez de 10 km, 100 km em cada

estrada planejada, por planejar ou sem ser planejada. Isso tomava 75% do território do Pará, quando poderiam estar distribuindo terra para as pessoas. Isso era ignorância. A história é muito complicada.

As oposições, as greves ou alguma oposição grande ao regime?

Não, eles não deixavam ter fontes contestadoras ao governo, eles fecharam as centrais, os sindicatos. O controle era absoluto, quem falava era preso. Não houve nenhuma reação, a não ser os cantores como Chico Buarque, Caetano Veloso. Mas nenhum movimento direto.

Aqui no Pará o PTB teve uma força para confrontar esse regime?

Não, o PTB nunca teve uma força popular, eles ganharam uma força após a redemocratização do território, que eles colocaram vinte mil pessoas na rua. Nessa época eles não tinham força.

Nem os sindicatos?

Os sindicatos sempre foram “apelegados”.

Nem os estivadores?

É, os estivadores não eram, mas não tinham força política. Teve aquela questão dos estudantes que invadiram Brasília. Inclusive com um paraense morto, mas aqui sempre foi pouca resistência. A resistência que tinha era a minha, mas a minha bancada toda votou contra mim. Eu só ganhei um voto, Hélio Gueiros,⁴⁵ Gerson Peres,⁴⁶ todos votaram contra.

E as campanhas eleitorais de antes tinham alguma diferença para a de hoje?

Tinha, antes tinha pessoal, tinha pessoal que tinha uma visão nacional do problema e se manifestava.

E como eram as campanhas, já que não havia televisão?

⁴⁵ Hélio Mota Gueiros (Fortaleza, 12 de dezembro de 1925 – Belém, 15 de abril de 2011) advogado, jornalista e político brasileiro, Governador do Pará (1987-1991) e Prefeito de Belém (1993-1997).

⁴⁶ Gerson dos Santos Peres (Cametá, 2 de maio de 1931 – Belém, 21 de abril de 2020) advogado, jornalista e político brasileiro filiado ao Progressistas (PP).

Tinha a propaganda nas rádios, boca de lata, havia as convenções no Teatro da Paz e até a distribuição de brindes.

Como foi a questão das diretas aqui em Belém?

Era uma questão nacional e teve muito apelo popular, principalmente dos jovens.

O senhor participou?

Participei em São Paulo, no Rio e aqui.

O seu livro sobre ecologia⁴⁷ é uma forma de conscientizar os professores sobre o assunto?

É, porque muitos professores falam sobre ecologia, mas não sabem o que é. São analfabetos sobre o assunto. Eu defendo a ecologia como principal disciplina hoje na Amazônia.

Sobre os entrevistadores/autores

José Denis de Oliveira Bezerra

Artista, ator, diretor teatral, performer, professor e pesquisador de teatro. Doutor em História, pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia/UFPA (2016). Mestre em Letras: Linguística e Teoria Literária/UFPA (2010). Graduado em Letras- Licenciatura Plena em Língua Portuguesa/UEPA (2007). Técnico em Ator pela Escola de Teatro e Dança da UFPA /ETDUFPA (2007).. Professor da Escola de Teatro e Dança da UFPA. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes/PPGARTES/UFPA, na linha de pesquisa Memórias, Histórias e Educação em Artes. Coordenador do PPGARTES/UFPA (2021). Presidente da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas – ABRACE (2022-2023), coordenador do GT História das Artes do Espetáculo da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas/ABRACE (2019-2021). Trabalhou na Universidade do Estado do Pará, atuando no curso de Letras- Licenciatura em Língua Portuguesa/Belém (2009-2014). Lidera e desenvolve atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão no Grupo de Pesquisa Perau – Memória, História e Artes Cênicas na Amazônia/UFPA/CNPq. E-mail: denisletras@yahoo.com.br

Josebel Akel Fares

Doutora em Comunicação e Semiótica: Intersemiose na Literatura e nas Artes (PUCSP, 2003); mestra em Letras: Teoria Literária (UFPA, 1997); estágio Pós-Doutoral em Educação (PUCRS, 2012). Licenciada em Letras. Professora titular da Universidade do Estado do Pará/ Programa de Pós-Graduação em Educação. Coordenou a editora da UEPA (EDUEPA), foi editora da Revista Cocar e é editora da Revista Sentidos da Cultura. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura, pesquisa principalmente temas ligados à Cultura e à Educação na Amazônia. Foi

⁴⁷ Livro *Ecologia e Amazônia: ideias sobre a alfabetização ecológica* (2004).

Líder do Grupo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas – CUMA-UEPA (2003-2023). Membro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL/ GT de Literatura Oral e Popular), e da Associação de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPED/GT de Educação e Arte). E-mail: belfares@uol.com.br

Venize Nazaré Ramos Rodrigues

Licenciada em História (UFPA) e Mestra em Ciências da Educação: Docência na Educação Superior pelo Instituto Pedagógico Latino Americano e Caribeno, Universidade Felix Varella-Cuba, Professora assistente IV (UEPA). Tem experiência na área de História, atuando principalmente nos seguintes temas: Amazônia, História oral, Memórias, Cultura e Cidade. Membro dos Grupos de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA-UEPA) e Amazônia: História, Culturas e Identidades, Associada da Associação Brasileira de História Oral (ABHO) e da Associação Nacional de Professores Universitários de História (ANPUH). Coordenou o Curso de Licenciatura em História (UEPA). E-mail: venizerodrigues@gmail.com

Wellingson Valente dos Reis

Mestre e Doutor em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia. Especialista em Estudos Linguísticos e Análise Literária (UEPA), Licenciado em Letras - Língua Portuguesa (UEPA) e em Letras - Língua Espanhola (UNAMA). Atualmente, é professor de Língua Espanhola e do Curso de Letras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA). É líder do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Arte, Cultura e Educação (GIPACE/IFPA) e participa do grupo de pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA-UEPA). E-mail: wellingsonreis@uol.com.br

Texto submetido em: 18/10/2024

Aceito em: 04/11/2024